

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ENTREVISTA DE ÁLVARO CUNHAL À RÁDIO PORTUGAL LIVRE

○ camarada Álvaro Cunhal deu uma entrevista à Rádio Portugal Livre que foi transmitida no dia 30 de Maio passado.

As suas declarações constituem um esclarecimento objectivo da actual situação política nacional. Publica-mo-las a seguir na íntegra.

— Diga-nos, camarada Álvaro Cunhal, como considera os últimos acontecimentos registados no nosso país. Qual o seu significado no desenvolvimento da luta nacional contra a ditadura fascista de Salazar?

— Para o nosso coração de patriotas é com profundo júbilo que vemos o povo português levantar-se contra o odiado governo de Salazar e exigir a instauração em Portugal das liberdades democráticas.

As manifestações de Outubro-Novembro de 1961 quando da burla eleitoral, a revolta de Beja, a manifestação do Porto de 31 de Janeiro, a manifestação das mulheres do 8 de Março, as prolongadas greves e acções dos estudantes, a luta de Aljustrel de 29 de Abril, a grandiosa jornada do 1.º de Maio, as comemorações do 8 de Maio, confirmam que se vive uma nova fase de luta contra o governo de Salazar, que o espírito de combate e de sacrifício se amplia a milhares de portugueses, que o povo português está disposto a pôr termo à longa tirania fascista e a conquistar finalmente a liberdade.

Honra e glória eterna àqueles que tombaram na luta. Honra e glória aos filhos e filhas do povo que com o seu heroísmo estão abrindo o caminho para a conquista dum Portugal democrático, pacífico e verdadeiramente independente.

Salazar está cada vez mais isolado. Contra Salazar está a maioria esmagadora da Nação. Nunca como hoje o povo português esteve unido na luta contra a ditadura, nunca foi mais elevada a consciência política e a disposição ao combate. O facto do governo apesar de ter mobilizado todo o seu aparelho repressivo, apesar de ter usado da intimidação e do terror em larga escala não ter sido capaz de impedir as grandes manifestações populares de rua, mostra, por si, que a correlação das forças políticas se modifica rapidamente a favor dos

democratas portugueses que estão cada dia mais fortes e que o governo de Salazar se encontra cada dia mais fraco. Esta evolução permite afirmar que estão próximas novas grandes batalhas pela liberdade e entramos num período decisivo de lutas que nos pode conduzir à vitória final.

— Conforme diz, se Salazar tem contra si a maioria esmagadora da Nação, como consegue manter-se no poder?

— Essa pergunta tem sido feita vezes sem conta e a ela costuma dar-se a seguinte resposta. Salazar consegue manter-se no poder por duas razões fundamentais. A primeira é o auxílio poderoso que no terreno político, militar e diplomático lhe dão as grandes potências imperialistas. A segunda é a inexistência de quaisquer liberdades em Portugal, a repressão constante e implacável de quaisquer reclamações e actividades daqueles que se opõem ao regime.

Esta resposta é sem dúvida justa mas incompleta. Se estas duas razões fossem bastantes para explicar a permanência de Salazar no poder, então nenhuma perspectiva existiriam para o povo português se libertar do fascismo, uma vez que as potências imperialistas continuam a ajudar Salazar e que a repressão e o terror se intensificam.

Existe, de facto, uma terceira razão que junta às duas anteriores explica a permanência de Salazar no poder. São as debilidades ainda existentes no movimento democrático. O dever dos democratas é olhar de frente essas debilidades, afim de vencê-las com urgência. A ausência das liberdades, a repressão fascista, o auxílio dos imperialistas, são constantes da ditadura de Salazar. O que decidirá da mudança da situação política em Portugal é a força do movimento democrático, é a ca-



pacidade da oposição para mobilizar e dirigir as mais amplas camadas populares até ao derrubamento da ditadura e à instauração das liberdades democráticas.

Se o movimento democrático deu importantes passos em frente, tem agora novos e não menos importantes passos a dar. A situação presente coloca perante as forças democráticas algumas decisivas tarefas imediatas sem realizar as quais não poderá entrar na última fase de luta contra a ditadura fascista.

— Quais são, no seu entender, essas tarefas?

— A nosso ver, são fundamentais três que devem ser cumpridas simultaneamente. Desenvolver um enormíssimo trabalho de organização, ajustar a unidade de acção de todos os democratas e impulsionar com mais decisão ainda as lutas populares de massas.

Quanto à primeira tarefa, impõe-se que cada e todos os partidos e agrupamentos da oposição reforcem por todo o país a sua própria organização e a organização dos mais variados organismos de unidade. A organização é o motor da luta. O papel de primeiro plano cabe às Juntas de Acção Patriótica, algumas das quais, particularmente de jovens e trabalhadores, têm tido um papel de relevo na preparação das grandes manifestações de rua. É de desejar que esse papel se assentue. Isso exige que se organizem Juntas de Acção Patriótica em todo o país, nas cidades, vilas, aldeias, locais de trabalho, escolas, unidades militares. A organização das forças democráticas não está ainda à altura do espírito combativo das massas populares e do esforço de mobilização requerido pela presente crise do regime. É necessário que o esteja.

Quanto à segunda tarefa, ou seja, o reforço de unidade de acção de todos os democratas. A unidade dos democratas portugueses é um êxito brilhante da oposição e constitui um dos mais valiosos factores do desenvolvimento da luta popular. O sentimento da necessidade da conjugação de esforços de todos contra o inimigo comum, é hoje um sentimento geral de toda a oposição. Mas a unidade de acção é ainda insuficiente. É indispensável que os partidos e agrupamentos da oposição, todos conjugados, façam esforços no sentido da propagação e da organização para assegurar a cada luta, a cada reclamação, a cada manifestação o mais amplo sucesso. A unidade na acção diária de todas as forças democráticas é uma exigência da situação actual e condição indispensável para o rápido progresso do movimento nacional.

Quanto à terceira tarefa, ou seja, impulsionar com mais decisão ainda as lutas populares de massas. As grandes batalhas que se têm travado mostram a tremenda força do povo quando luta unido e com decisão.

O 31 de Janeiro, o 8 de Março, o 1 e 8 de Maio, as lutas dos estudantes, aumentam a confiança do povo português na sua própria força e abriram os olhos a muitos que descreiam da possibilidade de acções políticas poderosas das massas populares nas condições da bestial repressão fascista. A acção popular é a nossa maior força, a acção popular é uma única esperança de conduzir o movimento democrático a um termo vitorioso. O gigantesco esforço da organização democrática, o reforço da sua unidade de acção, devem estar vol-

tados para o povo, ter como objectivo o impulso das lutas populares de massas. Esse é o único caminho para a vitória das forças democráticas.

— O camarada fala da necessidade de impulsionar a luta popular de massas. Nos últimos tempos têm-se sucedido grandes manifestações de rua, nas quais o povo exige a demissão de Salazar, a instauração das liberdades democráticas, a Amnistia, a Paz em Angola. É essa a única forma de luta possível no momento presente?

— As grandes manifestações políticas de rua são acções poderosas contra a ditadura fascista. Elas são formas superiores de luta que mostram o poder mobilizador da oposição, e digamos, porque é justo dizê-lo, do Partido Comunista Português. Elas mostram a radicalização política das massas, a sua combatividade, a sua disposição de sacrificar a liberdade e a vida para salvar Portugal do fascismo. Mau seria, porém, que as forças democráticas considerassem essa a única forma de luta a seguir.

As grandes manifestações de rua e a corajosa resistência popular às forças repressivas tornam-se possíveis porque de há muito o povo desenvolve outras formas de luta contra a ditadura, porque a classe operária, os camponeses, os intelectuais, os estudantes há muito lutam das mais variadas formas pelos seus direitos fundamentais. As lutas por melhor salário nas empresas e nos campos, a acção nos sindicatos nacionais, associações estudantis e organizações culturais, as acções pró-Amnistia, as mais variadas reclamações junto das autoridades, a resistência dos soldados e do povo contra a guerra de Angola, os movimentos legais de unidade nos períodos das farsas eleitorais, foram e continuam a ser formas de luta fundamentais, que decidem da ampliação da luta popular e da sua elevação a um nível superior.

Não só, através destas lutas, o nosso povo defende os seus interesses e direitos e consegue muitas vezes obter importantes concessões, como é nelas que o nosso povo se treina nos mais duros conflitos contra o Estado fascista, se educa, se fortalece e une e se convence pela própria experiência da necessidade de recorrer a formas superiores de luta.

A grandiosidade das manifestações de rua, os abalos que estão provocando ao regime fascista mostram que o caminho é justo e que nele se deve insistir, se devem organizar, sempre que condições favoráveis se ofereçam, novas grandes manifestações. Mas isto exige que, ao mesmo tempo se insista nas mais variadas formas de luta reivindicativa, nas lutas por melhor salário, contra o desemprego, pela Amnistia, contra o envio de soldados para as colónias, pela paz em Angola, contra as bases americanas em território português, etc., e se insista no aproveitamento de todas as possibilidades de actuação legal, apesar das limitações crescentes levantadas pelo terror fascista; se insista não só nas grandes como nas pequenas acções; que se multipliquem as reclamações e assembleias nas organizações legais, as suspensões de trabalho, as greves. É necessário dar combate sem tréguas em todas as frentes à política salazarista. Só assim as forças democráticas poderão em-

prender com sucesso batalhas políticas ainda mais poderosas do que aquelas que ultimamente se têm travado nas ruas.

— O movimento popular desenvolve-se impetuosamente. Mas como podem as forças democráticas alcançar a vitória quando o fascismo em Portugal responde com a mais brutal violência às aspirações populares? Como pode um povo desarmado derrubar um governo que conta para o defender com canhões, carros de assalto, aviões e armas de toda a espécie?

— Devo dizer em primeiro lugar não ser correto afirmar que Salazar tem pelo seu lado todas as forças armadas. Muito longe disso. A resistência contra a guerra de Angola e a participação crescente de soldados nas manifestações populares mostra que os soldados não só não apoiam, como estão contra o governo fascista. A revolta de Beja mostrou também que uma parte da oficialidade conserva fortes sentimentos democráticos e deseja que as liberdades sejam restauradas em Portugal.

Mesmo entre as forças especialmente adestradas para a repressão, como é o caso da Guarda Nacional Republicana e da Polícia Segurança Pública, numerosas praças estão, no seu íntimo, com o povo. Resistem em muitos casos, duma forma ou doutra, a cumprirem as ordens para reprimir com ferocidade o movimento popular e para actuarem como auxiliares da PIDE na perseguição aos patriotas.

A vida é uma grande escola. Na medida em que se intensificam as lutas populares, um número cada vez maior de soldados, de marinheiros, de sargentos e oficiais, passa a apoiar o movimento democrático. Chegará o dia em que as forças armadas deixarão de ser um eficiente apoio de Salazar e se tornarão, em parte considerável, uma arma da revolução democrática nacional. Canhões, tanques, aviões, metralhadoras e espingardas deixarão de voltar-se contra o povo e, ao lado do povo, voltar-se-ão, nesse dia, contra o próprio governo. Será então o levantamento nacional, o coroamento de toda a acção popular, a acção decisiva que derrubará o fascismo e restaurará a democracia no nosso país. Atenção, porém. Isto não sucederá de forma espontânea. As forças democráticas têm de fazer um esforço resolutivo, pertinaz, constante, para ganhar os militares para a sua causa. Isso exige que se intensifique a propaganda e agitação entre as forças armadas, que se desenvolva aí um amplo movimento de organização.

A disciplina militar fascista é um instrumento poderoso nas mãos do governo. Para quebrar essa disciplina, para que os militares se possam opor com sucesso à política fascista e passar activamente para o lado do povo, é indispensável que os democratas das forças armadas estejam fortemente organizados. A constituição duma poderosa organização revolucionária nas forças armadas é, segundo nos parece, uma das tarefas mais importantes dos democratas portugueses na hora presente.

— Fala-se em divergências existentes nos círculos governamentais, no caso de homens que, até hoje têm apoiado Salazar e lhe retiram esse apoio. Diz-se

que também por isso entidades até hoje ligadas ao regime, pretendem encontrar uma saída com o afastamento de Salazar do governo. Que pensa duma tal situação?

— As contradições em que se debate o regime são insolúveis para ele. A ditadura fascista encontra-se num beco sem saída. A situação económica agrava-se dia a dia e a sua evolução ameaça conduzir o país a uma crise económica sem precedentes. O governo procura evitá-la recorrendo aos empréstimos exteriores mas estes agravam o jugo imperialista sobre Portugal. A política colonialista de Salazar conduz o país a uma catástrofe. O desprestígio internacional fere a dignidade de todos os portugueses. O domínio crescente sobre a vida nacional de um pequeno grupo de monopólios portugueses e estrangeiros atinge todas as camadas da população e conduz a uma posição de hostilidade ao regime não só a pequena, como a média burguesia.

Tudo isto explica o isolamento crescente de Salazar e da sua camarilha e o facto de que muitos que o têm apoiado, agora o queiram abandonar. Hoje há quem comece a encarar a substituição do governo de Salazar por um outro governo fascista. Tais projectos, animados por certos círculos reaccionários estrangeiros, teriam como objectivo pôr um dique à revolta popular e manter tudo como dantes.

A tais pseudo-soluções, não damos, naturalmente, qualquer apoio, apesar de que elas contrariariam inevitavelmente nos seus efeitos os propósitos em vista. Há, porém, outros civis e militares que afastando-se de Salazar pretendem uma liberalização do regime e modificações mais ou menos profundas na actual política. A nossa posição foi há muito definida. O Partido Comunista Português sempre tem declarado que apoiaria quaisquer iniciativas que acabassem com a ditadura fascista e instaurassem as liberdades democráticas em Portugal. Mantemos essa posição.

É, porém, bem de ver que a iniciativa de tais acções foge ao controle das forças democráticas e se estas esperassem de tais hipotéticas acções, a solução do problema político português, condenar-se-iam à passividade, a nada fazerem, a esperarem de braços cruzados a queda da ditadura, a desistirem das acções populares.

Podemos estar certos de que, se tal fizessem, nunca mais a ditadura cairia. Se estas pessoas que têm estado com Salazar pensam hoje numa saída sem Salazar, isso deve-se à luta dos democratas portugueses, à luta do povo português que ameaça de morte a reacção.

Podemos por isso dizer que tais iniciativas poderão ter lugar com tanta maior probabilidade quanto menos nelas acreditarem as forças democráticas, quanto mais estas insistirem na sua luta intransigente e corajosa pela democracia, quanto mais se intensificar a luta popular de massas. Os homens sinceros que, ensinados pelos acontecimentos, hoje duvidam da política salazarista, têm uma atitude a tomar: juntarem-se às forças da oposição onde participam já hoje pessoas de todas as tendências, da esquerda e da direita. Como tantos outros antes deles, decerto seriam acolhidos fraternalmente como novos companheiros na luta sagrada pela liberdade da nossa Pátria.



Para os democratas portugueses a solução do problema político português consiste no derrubamento da ditadura fascista, na instauração das liberdades democráticas, na realização de eleições verdadeiramente livres. Isto só poderá ser realizado pelas próprias forças democráticas apoiadas na acção das massas populares.

— Mais uma pergunta, camarada Álvaro Cunhal. Há pessoas que se opõem à política de Salazar e que desejam uma modificação da política portuguesa mas temem que, afastado Salazar do governo, derrubada a ditadura fascista, as forças da oposição se não entendem na nova política a seguir e que os comunistas conquistam o poder. Haverá razões para tal preocupação?

— Nas heróicas batalhas que se estão travando contra a ditadura, o povo português tem demonstrado que a unidade é a sua arma mais poderosa. Lado a lado, sem distinção de convicções políticas ou crenças religiosas, todos combatem unidos como irmãos. Unicas aspirações, únicos ideais e esperanças na luta contra o governo inimigo da nossa Pátria.

Nós, comunistas, lutamos infatigavelmente pela unidade de todos os democratas e patriotas, e não é ser vaidoso afirmar que à nossa acção se deve, em larga medida, a unidade já alcançada. Existem, sem dúvida, diferenças de opinião acerca da política futura de Portugal libertado do fascismo.

Nós, comunistas, pela nossa parte, pensamos que a construção dum regime democrático em Portugal exigirá a liquidação do poder dos monopólios com a nacionalização dos sectores fundamentais da actividade económica, a realização da Reforma Agrária, uma política social que assegure o rápido melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, a libertação de laços de dependência do imperialismo, o reconhecimento do direito dos povos das colónias portuguesas à auto-determinação e à independência e uma política externa fundada na Paz, na Amizade, na cooperação e igualdade de direitos com todos os Estados.

Nem todos os outros sectores da oposição pensam como nós, e entre eles há também profundas diferenças programáticas. Isto é natural, inevitável num tão largo movimento de unidade de oposição ao regime. A nossa posição em relação a essas diferenças é a seguinte: quanto à nossa luta presente, pensamos que todas estas diferenças se devem subordinar ao objectivo comum supremo e sagrado da hora presente, pôr termo à tirania fascista e instaurar as liberdades democráticas. Quanto à futura política portuguesa, pensamos que caberá à Nação portuguesa decidí-la. Instauradas as liberdades democráticas, o povo português poderá organizar-se livremente, defender livremente as suas opiniões, escolher livremente os seus governantes em eleições verdadeiramente livres nas quais possam votar todos os portugueses, independentemente das suas convicções políticas, da sua profissão, da sua instrução e das suas posses.

Em nome do Partido Comunista Português declaro

uma vez mais que o Partido Comunista respeitará a vontade do povo português. O futuro de Portugal deverá ser aquele que o povo português livremente escolher. O Partido Comunista Português defende que após a queda do governo de Salazar, deve tomar conta do poder um governo provisório cuja tarefa fundamental deve ser a liquidação do Estado fascista, a instauração das liberdades e a realização de eleições livres para uma assembleia constituinte que elaborará a nova constituição da República Portuguesa.

O Partido Comunista Português está pronto a tomar as suas responsabilidades no governo provisório ao lado das outras forças da oposição e considera que a participação de todas as tendências democráticas no governo provisório é a maior garantia para impedir qualquer nova tentativa de restaurar a ditadura e para conduzir a nossa Pátria pelo caminho da Democracia, da Paz e da Independência Nacional.

Pensamos que só através da luta unida contra a ditadura fascista, as forças democráticas e patrióticas, podem amanhã concordar numa política comum e trabalhar unidas na construção dum Portugal democrático. Queremos não só a unidade para hoje, como queremos também a unidade para amanhã. Como vê, não existem quaisquer razões para as preocupações a que se refere.

— Deseja o camarada Álvaro Cunhal endereçar ainda, através de Rádio Portugal Livre, algumas palavras ao povo português?

— Sim. Em nome do Partido Comunista Português desejo saudar o nosso heróico povo. Saúdo a classe operária portuguesa que, nos longos 36 anos de pesadelo fascista, se tem encontrado sempre na vanguarda da luta, dando a todo o momento exemplos de consciência política, de organização, de combatividade e de espírito de sacrifício. Saúdo-a pela heróica jornada do 1.º de Maio de 1962 que ficará, para sempre, como uma data gloriosa da classe operária portuguesa, como uma prova do seu papel determinante na luta por um Portugal democrático.

Saúdo a população laboriosa dos campos e em especial os assalariados rurais pela sua corajosa e infatigável luta pela liberdade.

Saúdo a nossa juventude pela sua coragem e espírito militante de que são testemunhos a participação nas manifestações de rua, a resistência dos soldados contra o embarque para as colónias e contra a guerra de Angola e as grandes lutas dos estudantes, as mais poderosas lutas pela liberdade juvenis travadas nas escolas portuguesas desde que a ditadura se instalou no poder.

Saúdo as mulheres de Portugal pela sua combatividade e abnegação que as levam a ocupar com frequência as primeiras linhas da luta contra o regime.

Saúdo os intelectuais portugueses que, conservando-se firmes e clarividentes ao lado do povo, demonstram com intrepidez que a cultura está contra o fascismo e pela liberdade.

Saúdo os oficiais, sargentos e praças do Exército, Marinha e Aviação que, apesar das depurações e da

espionagem política, mantêm vivos os sentimentos liberais numa parte considerável das forças Armadas e as praças da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Pública que resistem a cumprir as ordens da PIDE e dos oficiais salazaristas.

A todos os portugueses e portuguesas que se opõem à ditadura fascista, a todos, quaisquer que sejam os seus ideais políticos ou crenças religiosas, aos velhos companheiros republicanos, socialistas, liberais, católicos, monárquicos, assim como aos recém-chegados ao campo da luta, a todos saúdo fraternalmente.

Todos podem estar certos que nós, comunistas, filhos do povo que sempre estivemos e estamos e estaremos ao lado do povo, não pouparemos esforços, trabalhos e sacrifícios para a conquista da liberdade.

O povo português tem razão para estar confiante. As forças da Democracia, da Paz e do Progresso são hoje no mundo mais poderosas que as forças da reacção e da guerra.

Também em Portugal as forças democráticas se levantam ao mesmo tempo que o regime fascista atravessa dificuldades crescentes. A ditadura de Salazar atravessa a mais grave crise da sua história. Salazar tem de fazer frente, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento impetuoso do movimento democrático português e ao desenvolvimento da luta libertadora dos povos das colónias portuguesas. Entre dois fogos não conseguirá sobreviver.

Quando hoje o governo intensifica a repressão e os crimes, não dá um sinal de força, mas de pânico e de desespero. Se os democratas e patriotas portugueses souberem reforçar a sua unidade e a sua organização e, confiantes no povo, basearem toda a sua acção na acção das massas populares, não vem longe o dia em que varreremos finalmente de Portugal a tirania fascista e reconquistaremos a nossa própria Pátria.

Temos ainda diante de nós duras provas e sacrifícios, mas a vitória está assegurada e ao nosso alcance.

O TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO E A LINHA DO LEVANTAMENTO NACIONAL

A justeza da linha do levantamento nacional recebeu uma patente confirmação durante as grandes lutas políticas de massas de fins de 1951 e sobretudo destes primeiros 5 meses de 1962.

Os membros do Partido e milhares de outros combatentes populares puderam compenetrar-se durante as jornadas «eleitorais» de Outubro-Novembro do ano passado e as poderosas manifestações de rua de 31 de Janeiro, 8 de Março, 1 e 8 de Maio, as históricas greves e lutas estudantis e ainda as grandes lutas vitoriosas pela conquista das 8 horas de trabalho dos assalariados agrícolas do Alentejo e Ribatejo, — não só da justeza, como da viabilidade prática do caminho apontado pelo nosso Comité Central para o derrubamento da ditadura fascista.

Estas grandes lutas fizeram mais a favor da compreensão da linha do levantamento nacional do que tudo o que poderíamos ter escrito na imprensa do Partido.

É que a linha do levantamento nacional só pôde ser verdadeiramente assimilada através dum vigoroso movimento popular em franco desenvolvimento, através da prática viva da luta, condições que permitem uma

rápida elevação da consciência política das massas e melhor possibilitam o seu convencimento da justeza da orientação do Partido.

Mas as grandes lutas que o nosso povo acaba de travar, sem dúvida prelúdios doutras mais vastas e poderosas, permitem ainda compreender, além desta importante questão, uma outra de importância decisiva para o triunfo da luta nacional anti-salazarista: a estreita ligação entre a linha política e a organização.

Já em Dezembro de 1960, o Comité Central chamou a atenção para a importância decisiva do trabalho de organização para o sucesso da linha do levantamento nacional. Hoje podemos afirmar que muitos dos sucessos e debilidades da acção política do Partido estão directamente ligados com os nossos sucessos e debilidades no terreno da organização.

Para muitos camaradas este laço íntimo entre a organização e a linha política não aparece como absolutamente essencial. Isto é compreensível quando se sabe que para muitos desses camaradas o levantamento nacional não era o coroamento dum poderoso e irresistível movimento de massas mas o caminho do golpe militar e das acções armadas, espontâneas e isoladas.



Mas quando a linha de massas começa a afirmar de maneira categórica a sua superioridade sobre a linha golpista, e o movimento popular começa a pôr na ordem do dia exigentes problemas organizativos, então é necessário compreender melhor a importância do trabalho de organização e a sua estreita ligação com a linha política e adoptar toda uma outra atitude face a este problema.

Dirigir e impulsionar o trabalho de organização

É claro que o problema da organização ultrapassa os marcos estritamente partidários e alarga-se ao conjunto das classes trabalhadoras e ao povo em geral. Mas o Partido defronta problemas de organização sérios, sem cuja resolução correta dificilmente poderá avançar no terreno da organização popular.

Os nossos êxitos, e sobretudo as nossas debilidades, durante a preparação e o desenvolvimento das últimas grandes lutas políticas de massas e das acções reivindicativas de carácter económico assim como das lutas dos soldados contra a guerra colonial, que devem ser convenientemente estudados, chamam a atenção de todo o Partido para a necessidade dum vigoroso esforço no trabalho de organização para o qual existem presentemente condições muito favoráveis.

Partindo do estado actual da nossa organização, do conjunto das suas possibilidades e das exigências que a linha do levantamento nacional comporta, impõe-se escalonar as tarefas de organização e dar a cada militante e a cada organismo do Partido uma orientação precisa para o seu trabalho.

Este trabalho que deve ser planificado tem, necessariamente de assentar em alguns pontos essenciais que a seguir desenvolvemos.

Direcção principal do esforço organizativo do Partido

Levar a organização para o seio das maiores concentrações populares eis a direcção principal do esforço organizativo do Partido.

Isto significa radicar a organização nos grandes centros industriais e agrícolas do país, nas zonas militares, nos centros universitários e estudantis em geral, no movimento associativo, etc.

Em linguagem de organização isto exprime-se em fábricas e oficinas, em docas e barcos, em vilas, aldeias e herdades, em quartéis e navios de guerra, em escritórios e centros comerciais, em universidades, liceus e escolas técnicas, em sindicatos e casas do povo, em associações culturais e recreativas, em bairros populares e outras aglomerações populacionais.

O conhecimento destes pontos de concentração popular e da sua importância relativa no conjunto nacional, regional ou local, segundo o âmbito da organização respectiva, é imprescindível.

A maior atenção deve ser dada à organização do Partido entre a classe operária. Os progressos observados nos últimos meses estão longe de corresponder à influência e às possibilidades do Partido.

Há pontos fracos da nossa organização nas grandes manchas industriais de Lisboa e Porto, da Margem Sul do Tejo e do Minho, das Beiras e do Litoral algarvio, que é urgente e indispensável vencer. Em classes tão numerosas e importantes como os metalúrgicos, os têxteis, os ferroviários, os conserveiros, os portuários, os pescadores, a construção civil, os motoristas, etc. a nossa organização acusa gravíssimas lacunas.

Se nos virarmos para o proletariado rural do Ribatejo, do Alentejo e dos distritos de Lisboa e Leiria, de Trás-os-Montes e das Beiras, também o nosso trabalho é nitidamente retardatário e insatisfatório.

O justo combate pelo fortalecimento orgânico do Partido não é problema apenas do Comité Central mas sim de todo o Partido. Isto exige que se discuta em todos os seus escalões, em todos os seus organismos, o problema da organização e as medidas práticas tendentes a debelar as fraquezas do nosso trabalho organizativo.

Aos organismos de direcção nacional incumbe, naturalmente, discutir e tomar as medidas de quadros e de organização para impulsionar o trabalho organizativo no plano nacional. Mas os organismos de direcção de sectores, os comités regionais, locais, de empresa ou de classe devem igualmente discutir e adoptar tais medidas no âmbito da sua responsabilidade e da sua zona de acção, independentemente da colaboração que todos podem e devem prestar à organização do Partido.

Não é verdade, por exemplo, que entre os camaradas das células da Carris, da CUF, dos pescadores, ou dos universitários, existem elementos naturais do Porto, de Guimarães, de Setúbal, da Covilhã e doutros importantes centros industriais e agrícolas do país e ex-operários doutras grandes e pequenas empresas, onde conhecem contrerâneos e antigos companheiros de trabalho, comunistas já ou susceptíveis de ingressar nas fileiras do Partido, e dar-lhe a sua colaboração?

Todos sabemos que sim.

Dizemos que onde está um comunista deve estar um organizador. Isto é assim em todas as circunstâncias. Pode-se ser um organizador no próprio local de trabalho ou de residência como se pode sê-lo indirectamente, proporcionando ao Partido ligações e credenciais para camaradas e trabalhadores honestos que conhecemos doutras regiões, localidades ou empresas.

Uma justa compreensão em relação a este problema da parte de todos os membros do Partido, pode levar num curto prazo, a vencer algumas importantes lacunas da organização partidária e a dar um grande passo em frente no seu alargamento e fortalecimento.

O recrutamento tarefa vital do Partido

O problema do recrutamento é vital para o Partido. Um Partido como o nosso, obrigado a desenvolver toda a sua actividade em formas rigorosamente clan-

destinas, sofre de grandes limitações nesta tarefa vital de recrutar novos membros e de refrescar as suas fileiras com jovens quadros.

Com um número forçosamente limitado dos militantes, sob a pressão terrível do aparelho repressivo, o nosso partido tem, assim mesmo, necessariamente, de alargar a sua influência a todo o país, tem de se tornar um forte Partido nacional capaz de ser o motor do futuro e não distante levantamento em massa da nação contra a ditadura fascista. Tal é o lema dum Partido revolucionário de novo tipo como o nosso nas condições do fascismo.

Isto significa que o Partido tem de superar as limitações do número pela boa qualidade dos seus membros. Atrair ao Partido os melhores filhos do povo trabalhador, os melhores operários industriais e agrícolas, os camponeses mais prestigiados, os jovens trabalhadores e estudantes mais combativos, as mulheres mais decididas, os intelectuais mais capazes, tal deve ser o objectivo principal do recrutamento.

Estes lutadores de escola já existem. A luta os revelou já em grande número — a luta e a vida os revelará cada vez em maior número. Para os atrair ao Partido são apenas necessárias audácia e confiança. Audácia para os abordar e esclarecer; confiança nos seus sentimentos revolucionários e anti-fascistas.

Estes lutadores de vanguarda não virão, porém, ao Partido de maneira espontânea. Para que dêem esse passo é necessário que o Partido os procure e lhes abra as suas portas.

Sem dúvida que a vinda de centenas e mesmo milhares destes lutadores populares ao Partido permitiria não somente um grande salto quantitativo nos efectivos da organização como, sobretudo, um grande salto qualitativo extremamente benéfico para o Partido.

O problema do recrutamento implica discussão e medidas práticas em todos os organismos partidários. A discussão abrirá seguras possibilidades de alargar a organização e de a refrescar com jovens quadros saídos da luta.

Jovens operários e estudantes lançaram-se às centenas e aos milhares com heroísmo e valentia contra as forças repressivas durante as greves e manifestações de Maio, do 31 de Janeiro e 8 de Março.

Operários sérios e combativos destacaram-se nas lutas reivindicativas da Carris, da Parry Son, dos Estaleiros Navais, da CUF do Barreiro, da CP, dos Têxteis do Norte, dos pescadores, etc.

Valentes soldados e marinheiros que em condições particularmente difíceis conseguiram levantar a resistência dos seus companheiros de unidade contra a guerra colonial, contra o mau rancho e as péssimas condições sanitárias das instalações militares, contra as prepotências e maus tratos da oficialidade fascista?

Que medidas práticas foram vistas nos organismos do Partido para os atrair às nossas fileiras? Que camaradas e simpatizantes foram destacados para os abordar, esclarecer e recrutar? Já lhes demos a imprensa do Partido e já lhes confiamos pequenas tarefas que

os aproximem do Partido e dos seus objectivos?

São interrogações que devemos fazer-nos a nós próprios e a que é indispensável responder com iniciativas práticas e trabalho organizado.

Estruturar e consolidar a organização do Partido

A estruturação é uma exigência do crescimento orgânico do Partido e da sua defesa, uma condição necessária para se poder progredir de novo no terreno da organização.

A estruturação — isto é, a formação e o escalonamento dos organismos — deve acompanhar de perto as mudanças de organização. Se o número de militantes e simpatizantes cresce para além de certos limites sem que se altere de maneira correspondente a estrutura da organização, torna-se impossível assegurar uma actividade normal dos organismos e um controle eficiente. Neste caso cairá sobre um reduzido número de camaradas um peso anormal de tarefas que os obriga a um trabalho extenuante e desorganizado que os expõe mais à acção do inimigo.

Quando assim sucede as organizações caem na estagnação e no retrocesso e corre-se o risco de ver desfazer-se num instante, por acção do inimigo, todo um trabalho pacientemente elaborado.

Nesta situação torna-se, pois, necessário reagrupar as nossas forças, reestruturar a organização, consolidar as posições conquistadas e delas partir para um novo progresso orgânico.

Dois inimigos da estruturação correcta são o esquematismo e o espírito absorvente.

O que é o esquematismo? É a criação artificial de organismos desligada das condições concretas que rodeiam as organizações, é a introdução de métodos puramente aritméticos na solução de problemas de estruturação orgânica.

Há camaradas que partem desta ideia simplista: «*Se temos organização em 3 fábricas chama-se um camarada de cada uma e forma-se um organismo responsável*».

Entretanto, uma atenção mais cuidada às condições locais e um conhecimento mais exacto das organizações e dos quadros teria aconselhado uma outra solução.

O espírito absorvente manifesta-se quando certos camaradas, por tendências de mando, por falta de confiança nos outros quadros ou por uma falsa noção de defesa do Partido resistem à estruturação das organizações.

O problema da estruturação está intimamente ligado ao da descentralização. Com efeito sem a formação e escalonamento de organismos não é possível descentralizar as tarefas.

A descentralização é necessária quando os membros dum organismo têm sobre si um peso exagerado de tarefas, quando os organismos dirigentes estão dema-